

CONSTRUINDO SENSIBILIDADES ENTRE PORTO ALEGRE E BEIJING

BUILDING SENSIBILITIES BETWEEN PORTO ALEGRE AND BEIJING

Airton Cattani⁸⁹

César Bastos de Mattos Vieira⁹⁰

Lu Ying⁹¹

RESUMO: Este artigo apresenta o contexto que levou à realização simultânea de exposições fotográficas e edições de livros sobre as calçadas urbanas em Porto Alegre/Brasil e em Beijing/China. Resultado de intercâmbio acadêmico, as exposições e os livros destacam a importância destas ações para a construção de sensibilidades, além de demonstrar as múltiplas possibilidades de interações culturais e de aprendizagem, conectando diferentes culturas em diversas áreas do conhecimento, como arquitetura, desenho urbano, fotografia e *design*, em um mundo cada vez mais conectado e globalizado.

PALAVRAS-CHAVE: calçadas; relações multiculturais; percepção estética; fotografia; Porto Alegre; Beijing.

ABSTRACT: This article presents the context that resulted in photographic exhibitions and book editions on the urban sidewalks of Porto Alegre and Beijing, held simultaneously in Brazil and China. Result of an academic exchange between Brazilian and Chinese universities, the exhibitions and the books highlight the importance of these actions for the construction of sensitivities and demonstrate the multiple possibilities of carrying out cultural and learning interactions connecting different cultures in areas such as architecture, urban design, photography and surface design, in an increasingly connected world.

KEYWORDS: sidewalks; multicultural relationship; aesthetic perception; photography; Porto Alegre; Beijing.

INTRODUÇÃO

“Olhe por onde você anda”, diz o dito popular. Mas ao *olhar por onde andamos*, nem sempre *olhamos por onde andamos*... Mais do que um jogo de palavras, esta afirmação nos faz compreender que o nosso olhar nem sempre é observador a ponto de perceber a riqueza visual que está ao nosso redor, muitas vezes “escondida” em locais inusitados como as calçadas. Mesmo em cidades famosas pelas características peculiares deste equipamento urbano,

⁸⁹ Arquiteto e Professor do curso de *Design* da Universidade Federal Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: aacc@ufrgs.br

 <https://orcid.org/0000-0001-8081-7704>

⁹⁰ Arquiteto e Professor do curso de Arquitetura da Universidade Federal Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: cbvieira@terra.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-5518-6194>

⁹¹ *Designer* e Professora da Advertising School da Communication University of China, Beijing, China. E-mail: luyingv@cuc.edu.cn

como Lisboa ou Porto, em Portugal (MATOS, 2011), ou Rio de Janeiro, no Brasil (TEIXEIRA; VEIGA, 2007), não temos o costume de *olhar por onde andamos*. Infelizmente, nossa sensibilidade não está aguçada o suficiente para perceber a riqueza que nos envolve a todo instante, nos privando de alguns prazeres visuais.

Em um primeiro momento, o senso comum nos faz acreditar que a maioria das calçadas de cidades ao redor do globo tem apenas a função de nos permitir deslocar de um ponto a outro e assim parecem ser desprovidas de maiores atributos estéticos. No entanto, um olhar mais atento consegue perceber que existe uma infinidade de padrões geométricos, cores, formas, brilhos e texturas “escondidos” nas calçadas de qualquer cidade. Esses atributos “escondidos” podem oferecer um grande potencial para, por exemplo, compreender por que certos caminhos são mais agradáveis do que outros ou servir de referência em estudos de *design* de superfície. Para isto, basta ficar atento por onde se anda e ter a sensibilidade para apreciar. Neste sentido, a fotografia se mostra como excelente recurso para o registro destas peculiaridades do nosso dia a dia e pode contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento de um olhar sensível às coisas do cotidiano. Além disso, o ato de fotografar tem a potencialidade de incentivar a conscientização sobre a necessidade de trabalhar com mais atenção este importante elemento do mobiliário e desenho urbano. Outras possibilidades desses procedimentos de registro são os atos de documentar, preservar e conservar coisas tão simples, mas que têm importância na percepção ambiental da urbe.

A partir da compreensão de que detalhes podem esconder grandes descobertas, um grupo multidisciplinar de professores de lugares distantes e culturas distintas propôs o desenvolvimento de um projeto de pesquisa em *design*, arquitetura e urbanismo, explorando a fotografia como ferramenta de registro e problematização, colocando lado a lado calçadas de duas cidades consideradas antípodas em relação ao globo terrestre: Porto Alegre/Brasil e Beijing/China.

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, que envolveu professores e alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre/Brasil e da Communication University of China (CUC), em Beijing/China, e resultou em duas exposições fotográficas realizadas quase simultaneamente nos dois países e na publicação de três livros. Esta ação evidenciou não só as características plásticas das calçadas nas duas cidades, mas constitui-se em campo de investigação em *design* de superfície, arquitetura e urbanismo, *design* editorial, fotografia e processos curatoriais, além das possibilidades de intercâmbio acadêmico entre culturas diferentes.

Ao colocar lado a lado imagens provenientes de duas cidades tão diversas, os resultados mostram que, a despeito das enormes distâncias geográficas e das dificuldades linguísticas, trabalhos colaborativos e coletivos

de criação podem ser realizados em contextos aparentemente adversos, pondo em evidência não só aspectos territoriais comuns, mas semelhanças e diferenças entre realidades culturais distintas. Esse processo permitiu não somente um estímulo à construção de uma sensibilidade maior com o entorno que nos circunda, mas também o reconhecimento das diferenças culturais enriquecendo ainda mais nossos olhares. Foi uma oportunidade de intensa troca de saberes e experiências, discutindo alternativas e abordagens características de duas culturas tão diferentes.

METODOLOGIA

Os antecedentes deste trabalho podem ser encontrados na publicação do livro *Olhe por onde você anda: calçadas de Porto Alegre* (CATTANI *et alii*, 2007) e na respectiva exposição em uma galeria de arte. Nessa exposição, as fotografias foram exibidas de uma maneira inusitada; elas foram colocadas diretamente sobre o piso. A intenção era provocar um reconhecimento da diversidade de padrões encontrados nas calçadas da cidade, até então não documentada e muito menos percebida pela maioria dos transeuntes. Desde essa época, as calçadas se configuravam como tema de interesse de um dos autores deste artigo, que, posteriormente, investigou os pisos e pavimentos da própria UFRGS, realizando diversas explorações, pesquisas e exposições fotográficas sobre esta temática.

Em outubro de 2018, um grupo de professores da UFRGS visitou a CUC em missão oficial de intercâmbio, com objetivo de intensificar a interação acadêmico-cultural entre os dois países. A viagem foi organizada pelo Instituto Confúcio na UFRGS, instituição do governo chinês mantida pelo HANBAN – Headquarters of Confucius Institute, com mais de 500 sedes no mundo e que promovem a língua e a cultura chinesas em diversos países. De maneira ainda embrionária, naquela ocasião foi apresentada a possibilidade de ser desenvolvido um trabalho conjunto, envolvendo professores e alunos das duas universidades, abordando a temática das calçadas em um estudo comparativo. Após os contatos iniciais, feitos de maneira presencial, foi definido que a equipe teria coordenadores brasileiros – professores Airton Cattani e César Bastos de Mattos Vieira, da UFRGS – e chineses – professora Lu Ying, da CUC. Desde então, o trabalho de pesquisa e de campo desenvolveu-se paralelamente no Brasil e na China. Foram realizadas reuniões com alunos das duas universidades interessados em participar do projeto; 7 alunos brasileiros e 15 chineses vincularam-se ao projeto até o final.

Estabelecidos os grupos, foram tomadas decisões relativas ao modo de registro a ser utilizado (fotografias) e a forma de divulgação dos resultados (exposições fotográficas paralelas nos dois países e publicação dos respectivos catálogos).

Quanto ao enfoque que as fotografias deveriam abordar, foi definido que as mesmas não deveriam ter características turísticas ou tratar de aspectos comerciais, nem incluir pessoas reconhecíveis, mas sim ter como objetivo o registro das texturas, brilhos, formas, padrões e cores. Desse modo, as fotografias resultantes se prestariam, de uma maneira mais forte, à construção de uma sensibilidade visual e, assim, seriam utilizadas para futuros estudos em *design* de superfície, arquitetura, desenho urbano, entre outros. A intenção era que, uma vez colocadas lado a lado, as fotografias poderiam demonstrar as diversidades ou convergências das peculiaridades deste equipamento e das estratégias visuais possíveis para se registrar algo considerado banal como pisos e pavimentos urbanos.

RESULTADOS

Desenvolvido durante 10 meses, o projeto culminou com a realização da exposição *Sidewalks of Beijing and Porto Alegre*, apresentada no Advertising Museum of China, em Beijing, entre 20 de setembro e 20 de outubro de 2019, e edição de seus respectivos catálogos, em edição bilíngue: inglês e chinês (**Figuras 1 e 2**). Em Porto Alegre, a exposição *Calçadas de Porto Alegre e Beijing* foi apresentada em área externa do Campus Central da UFRGS entre 1º de outubro a 31 de dezembro de 2019, sendo lançado o livro homônimo (CATTANI; VIEIRA; YING, 2019) no dia da inauguração da exposição, em edição trilingue: português, inglês e chinês (**Figura 3 e 4**). As datas de inauguração foram escolhidas por serem comemorativas para brasileiros (20 de setembro, aniversário da Revolução Farroupilha, importante data para o Rio Grande do Sul) e 1º de outubro (aniversário da fundação da República Popular da China, que em 2019 comemorou seu 70º aniversário). As exposições também celebraram os 65 anos de fundação da CUC e os 85 anos de fundação da UFRGS (**Figura 5**).

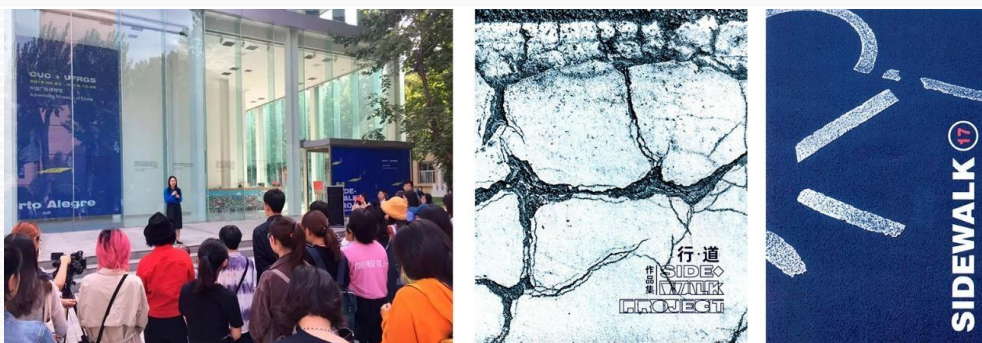


Figura 1 - Abertura da exposição em Beijing e respectivos catálogos.
Fonte: equipe curatorial da CUC, coordenada pela profa. Lu Ying.



Figura 2 – Aspectos da exposição em Beijing.
Fonte: equipe curatorial da CUC, coordenada pela profa. Lu Ying.



Figura 3 – Abertura da exposição em Porto Alegre e capa do livro.
Fonte: Equipe curatorial da UFRGS, coordenada pelos profs. Airton Cattani e César Vieira.



Figura 4 – Aspecto geral da exposição em Porto Alegre.Fonte: Equipe curatorial da UFRGS, coordenada pelos profs. Airton Cattani e César Vieira.



Figura 5 – Cartaz comemorativo da exposição em Beijing. Fonte: equipe curatorial da CUC, coordenada pela profa. Lu Ying.

DISCUSSÃO

A opção pela fotografia como ferramenta de registro e provocação neste trabalho se deu mesmo com o reconhecimento das imprecisões e peculiaridades do registro fotográfico. É sabido que o universo visível se mostra diferente nas lentes fotográficas. Walter Benjamim (2008) já alertava para essa distinção. Mesmo vivendo em uma era imagética, em uma “hegemonia da visão” sobre nossos outros sentidos (PALLASMAA, 2011), é notória a nossa falta de acuidade visual (VIEIRA, 2012). Vemos de forma superficial, tanto na vivência direta com o nosso ambiente circundante, quanto ao apreciar fotografias. É uma provocação interessante e valiosa convidar as pessoas a perceberem melhor as coisas que as rodeiam e instigá-las a fazer suas tentativas de registros fotográficos destas descobertas. Há detalhes imperceptíveis para as lentes fotográficas com suas demandas fundamentais – luz, distância e ordenamento (VIEIRA, 2012), entretanto a fotografia pode nos surpreender com registros marcantes de cenas aparentemente banais. A exploração dos altos contrastes, a leitura diferenciada das luzes, a organização do caos circundante em imagens ordenadas são alguns dos recursos fotográficos capazes de reconfigurar a “realidade”. Com todo seu aparato, a fotografia convida e nos impele a fazer registros. Faz parte do “programa inserido no aparato tecnológico”, como nos propõe Flusser (2002). Entretanto, é importante reconhecer que este “novo mundo” se configura em uma outra

“realidade”, em uma “ficção”, como descreve Kossoy (2009), aspecto também tratado por Urbano (2008), que afirma:

Não acredito na objetividade da fotografia. Por mais que muitos tentem apagar as contingências subjetivas da vida quotidiana, que contaminam os espaços puros que os arquitetos desenham, uma imagem de um qualquer objeto arquitetônico, ou simplesmente de um objeto, é sempre a imposição de um ponto de vista. De quem fotografa, de quem escolhe o enquadramento, de quem escolhe a luz, o tempo de exposição, o tipo de lente, a máquina. É um olhar que implica uma escolha, ou infinitas escolhas, e é por definição (definitivamente?) subjetivo (URBANO, 2008, p. 5).

Desta maneira, fica clara a subjetividade da fotografia, suas imperfeições e impossibilidades com relação ao registro “preciso” de uma “realidade visível”, mas, ao mesmo tempo, nos coloca frente a um novo universo de possibilidades, se compreendemos que se trata de uma reconstrução sensível e subjetiva. A fotografia é, portanto, uma representação e, como consequência, se utiliza de codificações estabelecidas culturalmente para transformar o universo visível de três dimensões em uma representação em duas dimensões. E para isso, utiliza a visão monocular, a “visão do Ciclope”, diferente da visão humana, binocular e esférica (MACHADO, 2015, p. 77). Sendo a fotografia o resultado de uma codificação subjetiva de uma realidade visível, demanda conhecimento desses códigos para a sua leitura (JOLY, 2008, p. 44). Esses códigos, por sua vez, seriam influenciados por condicionantes culturais e, por isso, durante o desenvolvimento do projeto os organizadores tinham uma grande curiosidade: como seria a interação, a percepção e a aceitação das imagens fotográficas resultantes de operadores de culturas tão distintas como a brasileira e a chinesa? Como receberiam as nossas produções e vice-versa? Burke (2004, p. 153) sugere a possibilidade de duas reações opostas: uma seria negar ou ignorar a distância cultural, ver o outro como o reflexo do eu; a outra seria a construção da outra cultura, como oposta à nossa própria. Mesmo que cada um dos participantes tenha feito sua própria elaboração do contexto proposto, ficou evidente uma atitude de ver o outro. A sensibilidade não se ampliou apenas no que diz respeito ao conseguir ver mais do universo visível circundante, mas foi possível ver o outro, suas peculiaridades no olhar, seus valores e interesses.

Com base nessas reflexões é que foram conduzidos os registros fotográficos de calçadas de Porto Alegre e Beijing, para além de uma simples documentação ou mero registro, tendo como ambição contribuir para a construção de uma sensibilidade, para o desenvolvimento de diferentes formas de percepção, aprimorando um olhar sensível, subjetivo, criativo, comparativo, crítico e provocativo para o que costuma estar debaixo de nossos pés, para onde nem sempre olhamos com cuidado. Foram colocadas em

evidência questões relativas ao território individual e coletivo, fomentando o diálogo intercultural entre países de culturas tão diversas. Ver uma calçada de sua cidade ao lado de outra de uma cidade do outro lado do globo terrestre, perceber diferenças de valores e conseqüentes sutilezas nas estratégias visuais, permitiram aos observadores – tanto aqueles que participaram do processo quanto aos simples espectadores – perceber as oportunidades oferecidas por uma globalização de uma maneira efetiva, não mais apenas no plano das ideias ou de maneira abstrata (**Figura 6**).



**Figura 6 – Fotografias de calçadas de Porto Alegre (acima) e Beijing (abaixo).
Fonte: acervo do projeto.**

Ficou evidente a responsabilidade do *design*, da arquitetura e urbanismo neste diálogo intercultural, em suas áreas de atuação. O processo de obtenção das imagens fotográficas, a organização das exposições e as

edições dos livros permitiram comparar estratégias projetuais, abordagens estéticas levadas a efeito, sensibilidades, prioridades e valores, para perceber as peculiaridades das abordagens. Essas particularidades contribuíram de forma significativa para o processo de amadurecimento e construção de uma nova sensibilidade. São campos de provocação e experimentações de estratégias visuais, como pode ser visto nas Figuras 7 e 8.



Figura 7 – Cartazes da exposição em Beijing
Fonte: equipe curatorial da CUC



Figura 8 – Convites, cartaz e marcador de páginas da exposição em Porto Alegre
Fonte: Equipe curatorial da UFRGS

Os relatos de visitantes, recolhidos por ocasião das inaugurações das exposições, permitiram confirmar o que já fora percebido por ocasião da exposição de 2007: a percepção deste componente do mobiliário urbano, registrado em exposição e livro, fez com que os leitores/espectadores fossem estimulados e provocados a perceber seus trajetos cotidianos de uma nova maneira mais atenta; foram provocados a perceber que a mais banal das superfícies pode conter padrões estético/formais expressivos, passando a ter

outros significados e contribuindo para o desenvolvimento de um olhar mais sensível.

O desenvolvimento do projeto permitiu o registro de olhares objetivos e subjetivos e, por isso, de uma sutileza que frequentemente foge do olhar desatento, mas ricos de informações e provocações para diversas áreas do conhecimento, como desenho urbano, arquitetura, *design* de produto, *design* gráfico, *design* de superfícies, fotografia. E, por que não, apenas para o puro prazer estético visual? Sombras, texturas, brilhos, cores e materiais são aqui apresentados com a intenção de retirá-los de contexto e elevá-los à condição de obra autônoma, com atributos que as tornam relevantes do ponto de vista estético.

No que diz respeito aos alunos participantes, foi possível sensibilizá-los não apenas para aspectos peculiares de suas cidades, mas, igualmente, para o intercâmbio de ideias e saberes, podendo exercitar suas concepções visuais e compará-las com colegas de outra universidade do lado oposto do globo oportunizando, assim, um conhecer o outro, percebendo, valorizando e respeitando diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com este projeto constituíram-se em uma ação concreta de internacionalização de ações entre universidades e confirmam que, mesmo com as diferenças territoriais, culturais e sociais, as percepções individuais de um entorno específico contêm elementos globais. Apesar das distâncias e diferenças linguísticas, elementos recorrentes foram observados simultaneamente com percepções culturais próprias. É possível afirmar que o desenvolvimento do projeto permitiu um intercâmbio de ideias e saberes sobre um elemento comum, ao mesmo tempo que evidenciou peculiaridades de estratégias de percepção e de estratégias estéticas.

Fomentando o diálogo intercultural, o projeto permitiu a brasileiros e chineses a oportunidade de fruir a beleza trivial que nos cerca, presente em coisas tão banais como calçadas. E o resultado não poderia ser mais surpreendente: a diversidade e as possibilidades estéticas das calçadas de ambas as cidades – certamente pouco observadas por seus habitantes – demonstram não só a singularidade dos pontos de vista dos alunos brasileiros e chineses, como mostram um pequeno fragmento do universo multicolorido e multifacetado que está debaixo de nossos pés, contribuindo para o desenvolvimento de uma sensação de pertencimento e apropriação do território individual, que agora passa a ser coletivo e global.

Os resultados positivos deste projeto servirão de motivação para o desenvolvimento de novos projetos colaborativos, tais como um olhar sobre as texturas naturais encontradas nos dois países, bem como da edição de livro

sobre pisos e pavimentos (CATTANI, 2021 – no prelo, em edição trilingue) de um projeto da arquiteta Zaha Hadid (1950-2016) construído em Beijing.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do Instituto Confúcio, na UFRGS, à Faculdade de Arquitetura da UFRGS e à Communication University of China, pelo apoio que viabilizou a realização deste projeto.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CATTANI, Airton; TREVISAN, Armindo; PESAVENTO, Sandra J. (2007). *Olhe por onde você anda: calçadas de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade.

CATTANI, Airton; VIEIRA, César; YING, Lu. (2019) *Calçadas de Porto Alegre e Beijing = Sidewalks of Porto Alegre and Beijing = 行道 : 阿雷格里港和北京*. Porto Alegre: Marcavisual. Disponível em https://f9642a71-c409-4174-a89b-d85780f8cb9e.filesusr.com/ugd/362643_3b2e38aa7655456a8d818eb860bb3227.pdf

CATTANI, Airton. *Olhando para cima e para baixo no Wangjing Soho = Looking up and down in Wangjing Soho = 望京SOHO : 俯仰之间*. Porto Alegre: Marcavisual. Prefácio de César Bastos de Mattos Vieira. (2021 – no prelo).

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MATOS, Ernesto (Org.). *Calçada portuguesa = Portuguese stone pavement of Portugal*. Lisboa: Sessenta e Nove Manuscritos, 2011.

TEIXEIRA, Yolanda; VEIGA, Bruno. *O Rio que eu piso*. Rio de Janeiro: Memória Brasil, 2007.

URBANO, Luís. *Reconfigurar o mundo*. Últimas Newsletter 06. Site de FG +SG - Fotografia de Arquitectura. 2008. Fonte: <http://ultimasreportagens.com/newsletter/n06/>. Acesso em 02/08/2020.

VIEIRA, César Bastos de Mattos. *A fotografia na percepção da arquitetura*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Repositório Digital – UFRGS Fonte: <http://hdl.handle.net/10183/53735> Acesso em 02/08/2020.

Recebido em: 13/08/2020

Aceito em: 30/11/2020